

COMPETITIVIDADE

Portugal tem de crescer 3% ao ano

Para o Fórum para a Competitividade não há dúvidas: as reformas da *troika* foram insuficientes. Há que fazer mais

Para compensar a estagnação económica dos últimos 16 anos, o Produto Interno Bruto (PIB) português terá de crescer em média 3% ao ano até 2026. É dessa forma que Pedro Braz Teixeira olha para a recuperação da economia portuguesa, num estudo que coordenou para o Fórum para a Competitividade.

Só assim Portugal conseguirá diminuir a taxa de desemprego, aumentar os salários reais e, por consequência, o nível de vida dos portugueses. Mas esta será também a solução mais adequada para que o país possa preservar o Estado Social e, em simultâneo, dar sustentabilidade à dívida externa e à dívida pública. Essencial será também, desta forma, o reforço de todo o sistema financeiro.

No documento, a que o Expresso teve acesso, considera-se que as reformas impostas pela *troika* foram insuficientes. "quer no seu projeto inicial quer na sua dificultada execução, sendo o nosso atual potencial de crescimento de apenas 1,2% o que, se nada for feito, nos conduzirá a um irreversível empobrecimento relativo face à Europa". E é por isso que, segundo a mesma fonte, se exige uma alternativa, sendo que esta "terá de passar por uma resposta forte ao desafio da globalização, baseado na atração do investimento direto estrangeiro exportador".

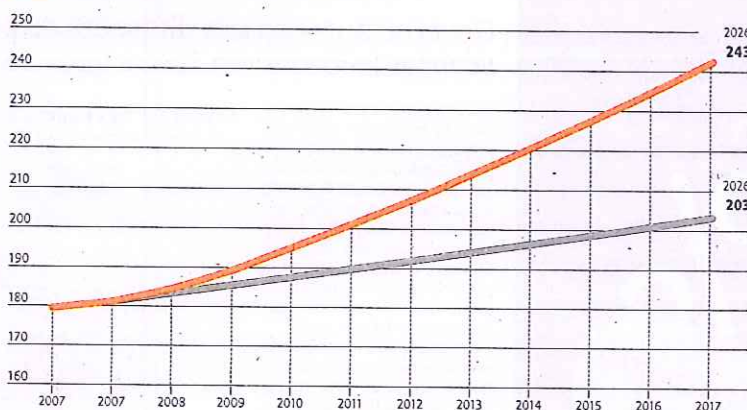
Investimento estrangeiro é essencial

Para se conseguir alcançar o crescimento médio anual de 3% proposto, o Fórum para a Competitividade considera que é absolutamente essencial angariar investimento estrangeiro exportador, "para o que se exige a diminuição genérica de custos de contexto [leia-se, 'burocracia'] e foco na formação genuinamente qualificante".

CENÁRIOS PARA O CRESCIMENTO DO PIB

Em milhares de milhões de euros

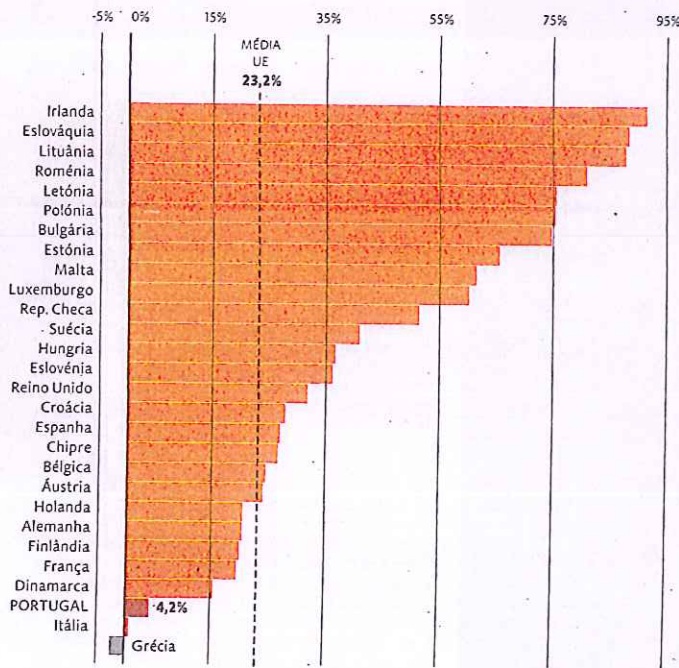
NOVA ESTRATÉGIA SEM REFORMAS



FONTE: FMI E FÓRUM PARA A COMPETITIVIDADE

PORTUGAL TEVE O 3º PIOR DESEMPENHO ECONÓMICO ENTRE 2000 E 2016

Em termos acumulados. Na UE28



FONTE: AMECO

O coordenador do estudo, Braz Teixeira, defende que, "a preços de 2015, o PIB de 2026 seria €39 mil milhões superior ao valor que seria alcançado se nos mantivéssemos na trajetória atual [22% acima do PIB de 2015, que foi de €179,5 mil milhões]". E acrescenta ainda que os ganhos acumulados nesses dez anos do novo modelo de crescimento deverão ascender a €186 mil milhões, o que corresponde a 104% do PIB de 2015.

Défices orçamentais persistentes

Em matéria de contas públicas, o coordenador do estudo fala de 'descontrolo', para acrescentar a seguir que, entre 1986 e 2010, Portugal foi o país da União Europeia onde se registou "o maior crescimento do peso da despesa pública, de 36% para 50% do PIB".

Os dois períodos em que Portugal mais cresceu foram entre 1989 e 1993 (mais 40% em termos reais), "devido ao novo sistema de remuneração dos funcionários públicos", e ainda no período entre 2008 e 2010, onde aumentou 16% em percentagem do PIB, numa "tentativa mal desenhada" para contrariar a crise internacional. Em resultado desse aumento da despesa, deu-se um aumento da receita pública, sobretudo fiscal, mas "de forma insuficiente", de onde resultaram défices orçamentais persistentes.

Devido à ausência sucessiva de medidas estruturais, Portugal "tem sido ultrapassado por vários novos membros da UE, alguns dos quais, como a Eslováquia, a Estónia e a Lituânia, há vinte anos tinham apenas um nível de rendimento *per capita* [em Paridades de Poder de Compra, PPC] de cerca de metade do nosso", pode ler-se ainda no documento do Fórum para a Competitividade.

A manter-se o cenário macroeconómico existente, o crescimento médio anual seria apenas de 1,3% e de 14% em termos acumulados. Ou seja, a diferença entre os dois cenários é de 24% do PIB no ano final (ver gráfico).

VÍTOR ANDRADE
vandrade@expresso.imprensa.pt

O caso de sucesso da Navigator

A The Navigator Company — liderada por Pedro Queir Pereira — é a terceira maior exportadora em Portugal, gerando o maior Valor Acrescentado Nacional. De modo indireto e induzido é responsável por mais de 33 mil postos de trabalho e representa cerca de 1% do P Mais de 50% do papel *premium* vendido na Europa tem a marca desta empresa a marca Navigator é líder mundial no segmento *premium* de papéis de escritório, com vendas em mais de 130 países. A companhia gere um património florestal de cerca de 120 mil hectares em Portugal (entre terrenos próprios e arrendados), tendo sido pioneira na obtenção de mais altas certificações ambientais (FSC® — licença nº FSC C010852, e PEFC™ — licença PEFC/13-23-001). Dispõe de um Instituto de Investigação Florestal próprio, RAIZ, considerado líder mundial no melhoramento genético do *Eucalyptus globulus* — que é um dos tipos de eucalipto mais apreciados e que mais rendem à indústria papelreira. É proprietária de um dos maiores viveiros florestais d Europa, com uma capacidade anual de produção de cerca de 12 milhões de plantas de diversas espécies, que têm como destino a renovação d floresta nacional. A Navigator é a primeira produtora nacional de energia verde a partir de biomassa, sendo responsável por mais de 50% do total daquele tipo de produção elétrica no país por 5% da produção total de energia elétrica a nível nacional. Está a desenvolver um projeto florestal verticalmente integrado em Moçambique e inaugurou recentemente uma fábrica d *pellets* nos EUA., tendo iniciado a sua atividade no sector dos papéis *tissue*.